

ELABORAÇÃO DE UMA FERRAMENTA EDUCACIONAL PARA O TRATO DE RELACIONAMENTOS ABUSIVOS NO ÂMBITO ESCOLAR

Samira Cavalcante Monteiro¹
Emmanoel Holanda Melo Ferreira²
Regina Lígia Wanderlei de Azevedo³

INTRODUÇÃO

Habitualmente, a cultura é um fator que atravessa significativamente a vivência de cada indivíduo, todavia o que se observa em uma sociedade patriarcal é o constante subjugo das mulheres, colocando-as diante dos mais diversos tipos de violências, essas que são constantemente naturalizadas. Nessa perspectiva, os relacionamentos abusivos são marcados por abusos psicológicos e emocionais, além disso, é percebido que devido a falta de informação e validação dessas agressões inúmeras mulheres permanecem presas aos seus abusadores. Dito isso, com esse trabalho objetivou trabalhar com adolescentes, por meio do desenvolvimento da Roda de Conversa, construir um espaço que permita aos alunos expressarem suas opiniões, impressões e ideias acerca do tema discutido, colaborando para que haja maior conhecimento acerca do que são relacionamentos abusivos.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Tratou-se de uma atividade de caráter exploratório, desenvolvida com alunos do Ensino Médio da ECI Alcides Bezerra. Para tanto, utilizou-se de ferramentas como o Google Meet, devido ao exercício ter ocorrido durante a pandemia do COVID-19, bem como o uso de slides, músicas e perguntas disparadoras para nortear a conversa em torno do tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, samira.cavalcante@estudante.ufcg.edu.br;

² Graduando pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, emmanoelhmf@outlook.com;

³ Professora Dra. do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, regina.azevedo@professor.ufcg.edu.br.

Comumente, os relacionamentos abusivos são pautados por meio de abusos psicológicos e emocionais, além do mais, eles são reafirmados através de uma cultura patriarcal, com ideias conservadoras com raízes bem fincadas no modelo nuclear de família, bem como marcada por uma ideário estético, além de se firmar também nos discursos reducionistas e biologicistas. Nesse sentido, pode-se dizer que as relações amorosas são frutos também de relações de poder, em uma lógica binária, a qual o poder masculino se sobressai sobre a mulher, ainda, é possível afirmar que devido a esse cenário, a lógica de dominação-submissão alimenta cenários de violência, a qual o homem se utiliza para que sua vontade seja feita.

Sob esse viés, Zanello (2018) discorre sobre a Pedagogia dos Afetos, a qual diz respeito ao modo em que meninos e meninas são ensinados de formas distintas a como sentirem, como se comportarem, como agir, diante disso, é possível perceber a partir dessa lógica como o modelo patriarcal se reafirma, principalmente por meio das tecnologias de gênero (Lauretis,) desse modo meninas são ensinadas a serem mais reativas, bem como devem aprender a serem boas donas de casa, boas mães, enquanto os meninos são impedidos de expressar qualquer emoção, são colocados como serem a parte de sentimentos.

Diante dessa conjuntura, ao se falar em ensinamentos, é possível partir da escola como um local em que a Pedagogia dos Afetos opera de forma precisa, nesse cenário as performances de gênero perpassam por caminhos que vão desde o início da descoberta de vir a ser no mundo, como também o fomento a formas diversas de violências. Nessa perspectiva, ao dar visibilidade ao tema de Relacionamentos Abusivos dentro da escola é possível começar a construir novas formas de conhecimento, como ferramentas para o enfrentamento da violência doméstica, tal qual busca compreender que relações são e devem ser trocas saudáveis, tendo em vista que a educação é a maior ferramenta possível para minimizar os casos de agressões contra a mulher e outras minorias.

Nessa perspectiva, a Roda de Conversa pode ser situada como uma metodologia de escuta e compartilhamento de experiências, a qual, segundo Paulo Freire propõe que a educação dialética, pautada no diálogo entre teorias e áreas distintas de conhecimento, diante disso, se aloca o desafio de compreender a realidade tal qual problematiza-la, o que forma uma aprendizagem eficaz. A partir dessa conjuntura, em Agosto de 2021 foi realizada uma intervenção na ECIT Alcides Bezerra, localizada no município de Cabaceiras - PB, a qual buscou tratar da campanha do Agosto Lilás, tal qual discutir, desmistificar e reconhecer os Relacionamentos Abusivos para além da violência física, além do mais,

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que a ciência nos diz hoje é que as ideias que temos sobre masculino e feminino, tão incorporadas à nossa vida cotidiana, que orientam a construção da nossa identidade e nossas interações sociais, não podem ser resultado simplesmente da natureza ou da biologia dos corpos. A forma como nossa sociedade define uma mulher e um homem - e mesmo a necessidade de se fazer essa distinção - é algo socialmente construído, próprio de cada tempo e de cada cultura. Cada sociedade, ao longo da sua história, vai definir, de forma mais ou menos rígida, os termos dessa distinção e organizar as relações sociais por meio do gênero.

Sendo assim, esta “ordem de gênero” não é espontânea, mas produzida. Justamente por isso, este conjunto de ideias, valores, expectativas e normas, que organizam o mundo a partir do feminino e do masculino, precisa ser repetido e reiterado pelas várias instituições sociais a cada nova geração. Em nossa cultura não é diferente. Crianças são ensinadas e lembradas insistentemente do que é feminino e do que é masculino a todo momento nas instituições sociais das quais participam: família, escola, comunidade, redes sociais, entre outros.

Palavras-chave: Violência de Gênero, Relacionamentos Abusivos, Escola, Conflitos, Roda de Conversa.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Alisson; ROCHA, Regina Lunardi; ARMOND, Lindalva Carvalho. Da tendência grupal aos grupos operativos com adolescentes: a identificação dos pares facilitando o processo de orientação e educação em saúde. **Revista Médica de Minas Gerais**, v. 18, n. 4-S1, p. 123-30, 2008.

BASTOS, Alice Beatriz B. Izique. A técnica dos grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. **Psicólogo da informação**, v. 14, não. 14, pág. 160-169, 2010.

CASTANHO, Pablo. Uma introdução aos grupos operativos: teoria e técnica. **Vínculo-Revista do NESME**, v. 9, n. 1, p. 47-60, 2012.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA - CFP. **Referência técnicas para atuação de psicólogos (os) na educação básica**. Brasília, DF: o autor, 2013.

DE CASTRO MOREIRA, Mariana; JÚNIOR, Maurício Barroso. RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE RODAS DE CONVERSA ON-LINE COM PROFESSORES. **Periferia**, v. 14, n. 3, p. 149-171, 2022.

GOMES, Juliana Silva et al. Da roda de conversa às telas dos smartphones. **Seminário de Extensão Universitária da Região Sul-SEURS**, 2022.

LOPES, ET. AL. A Roda de Conversa e a democratização da fala-Conversando sobre educação dialogicidade. 2004.

PEDERSEN, Jaina Raqueli et al. Rodas de conversa: em debate a violência sexual contra crianças e adolescentes. **Mundo Livre: Revista Multidisciplinar**, v. 4, n. 1, p. 47-60, 2018.

MONTEIRO, S. C. MAGALHÃES, R. S. R. DE AZVEDO R. L. W. A permanência de mulheres em relacionamentos abusivos à luz da Terapia dos Esquemas. **Pesquisa Sociedade Desenvolvimento**, v. 11, n. 16, pág. e113111637417-e113111637417, 2022.

STEVENS, Cristina Maria Teixeira; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZANELLO, Valeska. Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas. 2014.

VIANA, Meire Nunes. **Interfaces entre a Psicologia e a Educação: Reflexões sobre a atuação em Psicologia Escolar**. Psicologia escolar, p. 54, 2016.



ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação.** Editora Appris, 2018.